

A GEOGRAFIA DO ETHOS CAPITALISTA NO CARIRI CEARENSE

CLAUDIO UBIRATAN GONÇALVES *

“Para os índios que habitavam a região, o vale do Cariri cearense já era ‘território sagrado’, bem antes que os primeiros colonizadores católicos chegassem para a conquista, a posse e o saque. Foi em defesa dessa terra da fertilidade e da fartura, onde se situava também o ‘espaço mítico’, que os índios Cariri fizeram guerras contra os invasores brancos e mestiços colonizadores e, bem antes, contra as tribos dos Sertões que, empurradas pela escassez de viveres e pelas secas periódicas, tentavam se estabelecer na região. Índios, negros e mestiços do Nordeste já conheciam o Cariri cearense como ‘terra da fertilidade’, como ‘chão sagrado’, bem antes das pregações do padre Ibiapina e de Antonio Conselheiro, do milagre da beata Maria de Araújo e da fama do padre Cícero” (Rosemberg Cariry, 2001)

1. APRESENTAÇÃO

O território é sagrado pela fartura que detém em recursos hídricos, proporcionando cultivo agrícola e o desenvolvimento de atividades econômicas. Quando comparada com as demais regiões do Nordeste seco, o Cariri assume uma posição importante no rol da produção por causa de seu tipo de solo e fertilidade, além da potencialidade de riqueza que a terra pode gerar.

O Cariri Cearense (Cariris Novos), ao lado do Cariri Paraibano (Cariris Velhos), são os mais conhecidos e declamados, seja através dos investimentos exógenos, que criaram os famigerados planos das agências estatais, como a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e o Departamento de Obras contra as Secas (DNOCS), ou de forma muito incipiente e superficial, pelo foco científico da Antropologia, Geografia e História, e ainda pelos causos guardados na memória popular, que citam as regiões pela prosa e poesia.

Existe na literatura uma diversidade de abordagem por conta das formas diferenciadas e de compreensão do termo *Cariri*. Identificamos pelo menos quatro tipos de abordagens que sofreram variações ao longo do tempo. A primeira forma aborda o Kariri dos índios. A segunda, a dos coronéis. A terceira, o Cariri da Igreja Católica e, finalmente, o Cariri do Estado. Após esta passagem pelos diversos Cariris, fica a questão: é possível falar num único Cariri? Ou devemos trabalhar com a idéia de pluralidade dos Cariris? Por outro lado, como se deu a metamorfose dos Kariris para Cariri e a inversão do foco de interesse dos índios ao lugar?

Neste sentido, tecemos o fio dos acontecimentos que envolveram a complexa trama da formação territorial do Cariri. A aspereza da escassez de registros nos obrigou em dado momento a destacar determinados aspectos em detrimento de outros, mas nada que comprometesse a construção de nosso raciocínio geográfico. Recorremos a uma leitura que trata os Kariris enquanto grupo étnico-lingüístico que compõe os indígenas tapuias. Adicionamos relatos de viajantes, registros de cronistas e informações da tradição oral.

2. O MITO FUNDADOR DA NAÇÃO KARIRI

De acordo com a tradição oral, destacamos alguns mitos que consideramos relevantes na construção simbólica de entendimento do universo dos índios Kariris. Entendemos conforme Mircea Eliade (2000), para quem o mito está longe de ser uma fabulação. O mito é modelo porque, tendo sido expresso nas civilizações primitivas, orienta em qualquer época a moral das condutas, facilitando a compreensão dos homens e mulheres e contribuindo, dessa forma, para o conhecimento das especificidades que nos envolvem.

Um dos primeiros aspectos que merece destaque é a relação do Kariri com a água. Os índios diziam provir de um lago encantado, provavelmente do Tocantins ou do Amazonas (cf. Abreu, 1976), e, quando fixaram morada na Chapada do Araripe, o mito das águas continuou influenciando o sistema de crenças. A única mulher da tribo, a Deusa-Mãe, o espírito cósmico da fecundação, representada pela Mãe d'Água, é uma serpente sagrada que dorme nas profundezas da terra e guarda os segredos da vida e da morte. A Chapada do Araripe possui dezenas de nascentes que percorrem os núcleos urbanos do Sul do Ceará e a principal delas, que origina o rio Grangeiro é onde ainda hoje repousa a guardiã das águas, a Mãe d'Água.

O mito fundador do povo Kariri apresenta o território de Badzé, o deus do fumo e civilizador do mundo. No princípio era a Trindade: Badzé era o Grande Pai, Poditã era o filho maior e Warakidzã (senhor do sonho), o filho menor. Badzé enviou seu filho predileto, Poditã, para a terra Kariri e esse ensinou os índios a reconhecer os frutos e raízes, caçar animais, fazer farinha, preparar utensílios do cotidiano, dançar, cantar e fazer os rituais sagrados de pajelanças.

A Terra Sem Males habitada pelos Kariris tinha uma única mulher, e eles queriam mais mulheres. Desse modo, Poditã orientou que eles matassem esta única mulher com um espinho mágico. Depois, eles deveriam cortar o corpo da Única-Mulher em tantos pedaços quantos fossem os homens e cada homem deveria envolver o seu pedaço da mulher com capuchos de algodão. Os índios fizeram tudo conforme orientação de Poditã, e depois seguiram para a caça. Quando retornaram, viram admirados que havia na aldeia muitas mulheres. Elas alimentavam o fogo e tinham preparado uma grande quantidade de bebidas e comidas. Saciadas a fome e a sede, os índios e as índias *sussurucaram* em suas redes e tiveram muitos curumins.

A Única-Mulher tinha se transformado na lara-Mãe das Águas, que assegurava a fertilidade da terra e a abundância de caças e frutas. Os índios viviam felizes e agradecidos, dançando e cantando a Poditã. Com ciúmes do irmão, Warakidzã desceu à terra Cariri, transformou todos os curumins em *podimirins* (pequenos porcos), embrutecendo os espíritos e negando o futuro da Nação Kariri.

Os podimirins subiram nas grandes árvores e ficaram por lá. Não satisfeito, Warakidzã pediu às formigas azuis para roer o tronco das árvores, derrubando por terra e deixando os curumins-podimirins para sempre encantados no céu. A terra Kariri permaneceu um eterno "hoje", sem amanhã. Depois de muitas

vãs tentativas de pôr as árvores nos lugares que ocupavam e impossibilitados de subirem até os céus, os índios invocaram Poditã e manifestaram sua tristeza, pedindo de volta a alegria de seu futuro e de seus curumins. Poditã ensinou então aos pajés que, invocando a proteção de Badzé, fumassem seus cachimbos com ervas mágicas e tomassem o cauim da jurema preta para ter visões proféticas, entrando, assim, em contato com o mundo dos encantados. Contente com a visita dos espíritos dos pajés e com as ofertas de fumo, Badzé castigou Warakidzã, desencantou os curumins-podimirins e os devolveu ao Paraíso da terra Kariri. E a terra Kariri voltou a ter um amanhã.

3. DO TAPUIO KARIRI AO LUGAR CARIRI

Quando nos referimos aos índios Kariris nos reportamos aos Sertões do Nordeste brasileiro, por ser este o território que habitavam quando chegaram de modo mais constante os bandeirantes, colonos e sesmeiros. Os tupis, em sua maioria principais aliados dos portugueses, não tinham relações amistosas com os tapuias e eram os principais informantes para captura das inúmeras nações das terras de dentro. Após a expulsão dos batavos, em 1654, a necessidade de prover os engenhos de escravos e o interesse pela catequese dos selvagens deram lugar às primeiras entradas nos Sertões, devassados por gente que se internava partindo do litoral pernambucano, e por bandeirantes paulistas, que chegavam pelo rio São Francisco. Isto ocorreu, sobretudo na segunda metade do século XVII. A procura de novas pastagens, além do litoral, foi outro incentivo para a penetração do *hinterland* (cf. Pompeu Sobrinho, 1939: 224).

A retirada holandesa dos Sertões afetou diretamente os Kariris que possuíam relações mercantis, religiosas e de intercâmbio militar. Esta relação de relativa reciprocidade garantia o retardo do previsível enfrentamento que ocorreria com as nações indígenas inimigas e com a coroa portuguesa interessada em expandir, ocupar e controlar seu domínio sobre os territórios do Novo Mundo. Na verdade, a força militar portuguesa não encontrou grandes dificuldades na implantação de seu projeto de exploração, pois se deparou com os indígenas enfraquecidos pelas suas batalhas. Estabelece-se o conflito armado pelas riquezas naturais e pelo desenvolvimento da economia agropastoril. Muitos índios foram capturados e levados para o litoral ou aldeados em Missões Religiosas em diferentes áreas do Sertão.

Quando juntamos a visão de alguns autores identificamos o território que os indígenas habitavam, ou o Cariri dos indígenas. A distribuição territorial da Nação dos Kariris (povo de língua travada) compreendia o que conhecemos hoje como: Cariris Velhos, próximo a Taperoá (na Paraíba); indo além temos áreas do Rio Grande do Norte; também o Sertão pernambucano e as áreas próximas ao rio São Francisco nos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas; e o Sul do Ceará, conhecido também como Cariris Novos. A partir do mapa do Ceará, logo abaixo, destacamos a localização dos Cariris Novos (ou Cariri Cearense), enfatizando no conjunto da região as principais cidades: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha.

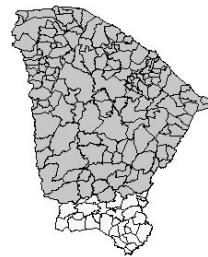
Localização do Cariri



Legenda

Cariri

Ceará



Base Cartográfica IBGE - 2001
Org. Vanessa Telles - 2006

4. A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO SERTANEJO E A RESISTÊNCIA À OCIDENTALIZAÇÃO

Numa tentativa mais ampla de dar visibilidade e sentido à ocupação do território sertanejo, anterior ao período de domínio do colonizador europeu, o pesquisador Pompeu Sobrinho (1939) assinala a existência de três áreas culturais entre os rios São Francisco e o rio Parnaíba, caracterizando-as a partir do grupo étnico-lingüístico. A primeira área cultural é a *litorânea*, dos tupis que dominavam a costa após terem expelido os tapuias. Esta área projetava uma influência de pouca importância para o interior nos regados do São Francisco e na Serra Grande no Ceará. A *sublitorânea* se expande além do litoral e forma uma faixa de largura irregular, em alguns trechos atingindo o mar, como no Ceará e Piauí. O elemento humano que aí dominava era tapuia da família Tarairiu. Finalmente, mais para o interior, onde viviam as cabildas Kariris, estava a área cultural deste povo curioso, mal definida nos seus contornos geográficos, mas, em compensação, de civilização bem conhecida e bem caracterizada: estendia-se da Bahia ao sul do rio São Francisco, pelo interior dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e, muito provavelmente, Piauí e Maranhão.

Apesar da imprecisão quanto ao tamanho da área de deslocamento populacional deste último grupo étnico-lingüístico, a toponímia do lugar

contribuiu no desvendamento e identificação de alguns percursos e até da fixação dos Cariris em determinados lugares, como no Cariri Cearense. A partir da tentativa de transformar os índios em mão-de-obra escrava tem início o processo de desaparecimento/metamorfoseamento do índio em caboclo e a apropriação da terra que habitavam pela coroa de Portugal, através dos sesmeiros e seus descendentes. Na perspectiva do projeto ocidental o Homem Kariri deixa de existir, é dado como extinto, desaparecido, exterminado. E, a partir disso, é construído simbolicamente o lugar do Cariri civilizado, a partir de uma vaga e confusa referência aos ancestrais habitantes deste vasto território contíguo existente no Sertão Nordeste.

Porém, não demorou muito e os indígenas perceberam que a última saída seria a reunião de esforços das nações do Sertão na resistência armada ao projeto colonizador do mundo cristão europeu. Tem início o que a historiografia convencionou chamar de “Confederação dos Kariris” ou “Guerra dos Bárbaros” (cf. Taunay, 1936; Medeiros, 1967-1969; Pires, 1989; Puntoni, 2002), que quase eliminou a colonização lusa em seus fundamentos. O levante e a revolta dos tapuias contra as fazendas de gado e os povoados dos colonos foi a derradeira gesta no inevitável processo de avanço e apropriação territorial, a partir do litoral, dos europeus sobre os indígenas confederados. O enfrentamento do projeto civilizacional referenciado na propagação da fé cristã e na expansão comercial revelou a desumanidade que compõe todas as guerras.

De um lado, estavam os indígenas confederados e intolerantes com o modo violento e injusto das ocupações dos territórios por eles habitados. De outro, os mestres-de-campo e sertanistas comandantes das expedições militares, homens como Domingos Jorge Velho, Manuel Soares de Abreu e Matias Cardoso de Almeida, determinados e sanguinários em realizar a limpeza do território das tribos mais resistentes (selvagens) e daquelas que não se deixavam aldear em torno dos missionários cristãos. No meio do fogo cruzado e, às vezes, participando das operações militares, estavam as famílias de colonos e os caboclos vaqueiros.

O desconhecimento detalhado do território e a falta de uma estratégia de combate planejada por parte dos *entradeiros* fizeram com que os índios conseguissem arrastar as lutas por pelo menos uma década. Apesar de algumas tribos resistirem bravamente, como os Paiaçús, os Icozinhos e os Coremas, a batalha se aproximava do fim. Os comandantes integraram e articularam suas ações militares com o estabelecimento de três acampamentos na zona de operação: o do Açú, o de Piranhas e o de Piancó. Referindo-se ao Sertão paraibano, Horácio de Almeida (1977: 407) afirma que os sertanistas baianos que lá se estabeleceram, com semente de gado, viveram num primeiro momento em coexistência pacífica com os índios Kariris. Por outro lado, o mesmo autor vem acrescentar que

a reação veio depois, como medida de defesa, provocada pela tirania do cativo, que o invasor não tardou a pôr em prática. Cativava não só para as necessidades do trabalho local como para o fim especulativo de mercadejar o indígena nas praças distantes, por ser negócio rendoso. O

que se deu na Paraíba deu-se por igual nas Capitanias vizinhas, como era praxe no Brasil

A Confederação dos Cariris foi a união das tribos como forma de resistir contra o já conhecido invasor europeu. A luta que se travou foi de vida e morte, como nunca houve igual na história da conquista. Durou para mais de dez anos, tempo suficiente para causar danos de ambos os lados, ainda que somente o lado indígena tenha sofrido prejuízos irreversíveis. De lado a lado, a fereza excedeu aos extremos da violência, principalmente da parte do branco civilizado, que se mostrou mais bárbaro que o bárbaro.

Simultâneo ao processo de entradas e guerras dos sertanistas, ocorreu a criação de missões cristãs (católicas e protestantes). Cada país trazia sua brigada religiosa como, por exemplo, os espanhóis trouxeram os jesuítas, os portugueses os oratorianos, os italianos os capuchinhos e os holandeses os missionários protestantes. Algumas dessas missões se desdobraram em Aldeamentos de amansamento e catequização de indígenas.

Tal fato caracteriza-se como um primeiro momento de expansão de forma sistematizada da cultura ocidental em terras dos tapuias. As escolas de catequese disseminavam as primeiras letras através da difusão dos valores da doutrina cristã encarregada de dar sentido ao novo modo de vida social. Estavam sendo alicerçados a ferro e fogo os fundamentos da moral e da ética cristãs que impulsionariam o desenvolvimento do comércio e do modelo de sociedade a ser estabelecido no universo do Sertão. Quando deslocamos a perspectiva da visão geral para nossa área de interesse, percebemos que

além da Missão de São José dos Cariris Novos, agora Missão Velha, fundaram-se quase simultaneamente dois núcleos de povoamento, à sombra do zelo apostólico dos Capuchinhos do Hospício de Olinda. Um foi a Missão do Miranda, onde agora está situada a cidade de Crato, e o outro, ao sopé do lado pernambucano da serra do Araripe, Exu, que, mais tarde, se transferiu para outro local. O aldeamento vizinho à cachoeira, no rio Salgado, o primeiro do Vale Caririense em ordem cronológica, provavelmente foi dirigido pelos Carmelitas (Figueiredo Filho, 1968: 3)

O fato é que, por volta de 1702/1703, ocorreram as concessões pela Casa da Torre das primeiras sesmarias no Cariri. E, no ano de 1730, a catequese dos índios pelos Capuchinhos já havia sido iniciada. Das três missões fundadas inicialmente nas proximidades, pelos religiosos, temos a formação dos povoados que deram origem aos mais antigos núcleos urbanos da região: Missão Velha e Crato. Isso indica que Crato e Missão Velha tiveram em suas cercanias a presença numerosa dos Kariris. Portanto, a grande nação dos Kariris, que se estendia sobre boa parte do Sertão nordestino, agora estava completamente modificada. Reduzida em número de índios, fragmentada e dispersa territorialmente, estava, enfim, traumatizada em sua memória com os resultados de perdas de suas riquezas e mortes de parentes nas guerras.

5. GÊNESE DO ETHOS E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES NO SERTÃO

Neste mesmo período, por volta de 1739, temos a inusitada situação dos índios Jenipapos pedirem ao governador de Pernambuco missionários que os aldeassem e assistissem. Este acontecimento ilustra bem como os índios estavam em situação de desvantagem e acuados diante do acelerado avanço territorial dos colonos e conquistadores sobre suas aldeias. De fato, a única forma de continuar vivo e existindo seria pedir a proteção e tutela dos sacerdotes católicos:

Esta autoridade [o governador] providenciou, ordenando que os Jenipapos fossem aldeados juntamente com os índios Canindés, seus vizinhos, no lugar Banabuiú, hoje Barra-do-Sitiá (Pompeu Sobrinho, 1939: 229)

Com a criação da Freguesia do Crato, em 1762, e sua posterior elevação a Vila Real do Crato, em 1764, temos a consolidação do centro difusor do projeto civilizador cristão-europeu. A Vila Real concentrou as famílias de colonos baianos, pernambucanos e sergipanos de origem portuguesa e os demais que passaram a chegar posteriormente com os atrativos naturais do lugar (cf. Araújo, 1973; Macedo, J., 1978). Estava firmada, assim, em sua essência, a pedra fundamental do projeto civilizador que se irradiava a partir de Crato por toda a região Sul da Província cearense, extrapolando as fronteiras em direção ao Piauí, Pernambuco, Bahia e Paraíba.

Os aldeamentos missionários e a repressão seguida do massacre aos remanescentes Kariris deixaram o território sertanejo livre para a exploração econômica agropastoril praticada pelos novos ocupantes. Também ocorreu um verdadeiro intercruzamento forçado de raças, pois o branco europeu, recém chegado nas terras de dentro, explorou não só economicamente mas também sexualmente os indígenas e os escassos escravos africanos. Este caboclo ou mestiço, agora habitante do outrora habitat do tapuia Kariri, nele expressa um novo modo de viver, orientado pelo ethos da fé cristã e da cultura capitalista da acumulação e da parcimônia.

Desta forma, o estabelecimento de grande número de currais desde as margens do São Francisco até o Sertão dos Inhamuns denota não apenas a força da pecuária como a hegemonia militar e econômica do tipo pré-capitalista de empreendedor que chegava. A pecuária marcou profundamente o processo da civilização europeia no Sertão. Deu poder a alguns indivíduos que se tornaram coronéis e senhores de pessoas e de grandes propriedades de terra (cf. Macedo, N., 1961; Araújo, 1973; Oliveira, 2001).

Desse modo, é possível ter uma idéia das sucessivas transformações – que tanto são concretas (territoriais) quanto simbólicas (discursos) – sofridas pelo Cariri ao longo dos primeiros séculos de sua colonização e que ainda persistem. O processo de sufocamento da memória indígena, com a perseguição de povoados e tribos e posterior eliminação, tiveram sua parte violenta intencionalmente ocultada para dar maior visibilidade à visão confusa e distorcida em torno da significação e construção da região do Cariri.

Com a apropriação dos territórios habitados pelos indígenas, o colonizador dominou e escravizou o povo Kariri e renomeou a maior parte dos lugares que serviam de abrigo. E a terra denominada Araripe (terra de Araras) pelos indígenas passa a ser chamada de Cariri pelos novos habitantes, brancos e colonizadores, que alteraram não somente os significados da toponímia como desmantelaram o funcionamento de toda a dinâmica de interações territoriais e ambientais existentes naquela porção de terra tropical.

Realizado o processo de limpeza étnica do território, temos o desdobramento do projeto europeu embasado na lógica da expansão mercantil do ethos capitalista de produção. Neste sentido, compreendemos o ethos como a disposição criada pelos sujeitos, que surge e se afirma através de seus atos, de seus hábitos. Cada sujeito constrói, cria e recria seu ethos, age segundo esse ethos, que é, portanto, resultado e fonte de atividade moral (cf. Sidekum, 2002). Complementando esta idéia, Max Weber (2003: 27) compreende o ethos do espírito do capitalismo como o lugar do trabalho no processo de educação e valoriza determinadas regras, atribuindo o significado de dever à pontualidade, ao trabalho árduo e à parcimônia.

Não obstante, a independência da Província cearense da Capitania pernambucana, em 1799, denota o período subsequente sem grandes transformações econômicas, com exceção feita ao mercado do algodão e do escravo africano. A produção algodoeira cearense requeria a incorporação de mais força de trabalho. Para submeter a população cabocla pobre e livre, além do escravo africano, os proprietários utilizaram dois mecanismos: a violência (para obrigá-los ao trabalho regular e disciplinado) e o estabelecimento de regras para ceder terras aos trabalhadores, com base na Lei de Terras de 1850 (cf. Gonçalves, 2004).

No decorrer da gênese da ética capitalista deflagradora do modo de vida empreendedor, inspirado na acumulação e no lucro, temos a participação institucional fundamental de Igrejas Cristãs. Esta se deu seja através dos missionários protestantes holandeses, que adentraram os Sertões antes dos sacerdotes católicos portugueses, seja dos Capuchinhos italianos modelados em Francisco de Assis ou dos Jesuítas espanhóis inspirados em Inácio de Loyola. Todavia, por volta do século XIX a Igreja Católica atravessou um processo de romanização na sua liturgia e nos seus rituais celebrativos e adquiriu uma face menos tolerante e mais institucional nas suas formas de expressão e cultos, através de capelas dispersas pelos Sertões, paróquias e dioceses.

Portanto, a institucionalização da igreja no Sertão ocorreu simultânea à reorganização do sistema político, econômico e, conseqüentemente, cultural, onde foram colocados em cheque pelo menos três fatores: a violência praticada pelos coronéis, a concentração da propriedade de terras por aqueles que podiam comprar ou detinham influências junto à Coroa Portuguesa e o predomínio da estrutura familiar patriarcal. No aspecto do projeto religioso, a elevação do Ceará à categoria de diocese, em 1853, demarca o início de uma fase que prossegue com a criação da diocese de Crato, em 1914, finalizando com a chegada do segundo bispo diocesano, em 1932, que marca

profundamente a perspectiva do ordenamento religioso que influenciará significativamente as direções do projeto político para as próximas décadas.

No caso do Cariri, no auge da romanização, assistimos a peregrinação e o estabelecimento de significativos pregadores como os Frades Carlos Maria de Ferrara e Vitale de Frascarolo, ou os padres caboclos José Maria Ibiapina e Cícero Romão Batista de Juazeiro do Norte. Estes soldados de Cristo foram essenciais, em suas pregações, discursos, visitas e bênçãos, na construção da ascese comunitária e na devoção disciplinada do trabalho, num tempo em que reinavam, no âmbito da política, as guerras entre famílias e as disputas entre senhores de terras.

Neste aspecto, as dioceses do Ceará (desmembrada de Olinda e Recife) e de Crato (desmembrada da diocese do Ceará) são marcos de um momento fundamental no entendimento e explicação da hegemonia do poder romano sobre os valores e tradições caboclas e sertanejas. É exatamente neste contexto que destacamos o município de Crato, principal pólo difusor da ética capitalista de organização da produção:

As encostas do Araripe são mui povoadas, pode-se dizer que de kilometro a kilometro se encontra um sitio com a sua casinha branca, rodeada de palhoças de agregados, tendo ao lado o engenho de ferro ou fabrica de fazer rapadura e aguardente. (...) Há nesta pequena, porém fertilíssima zona, 84 engenhos que produzem quatro milhões de kilogrammas de assucar, afora a aguardente, que attinge a milhares de canadas. Álcool propriamente não se fabrica e sim aguardente de 18 a 22 grãos. (...) O Crato é a capital moral, intellectual e material do famoso Valle do Cariry (Menezes, 1918: 164)

Nesta perspectiva, o povoado do Juazeiro, então distrito de Crato, assume destaque ainda ao final do século XIX com os fenômenos ocorridos envolvendo o padre Cícero Romão Batista e uma de suas ajudantes, a beata Maria de Araújo:

O sentido místico da Cidade de Juazeiro foi criado e desenvolvido pelos romeiros que a visitaram nos primeiros dias dos fenômenos que deram origem às peregrinações e, quando deixou de existir o grande Patriarca, continuaram a visitar seu túmulo, criando-se em torno de sua vida a lenda da sobrevivência, principalmente no Baixo e Médio São Francisco, onde primeiro se arraigou a crença no Padre Cícero (Alves, 1948: 84)

Desse modo, o Crato e, posteriormente, Juazeiro do Norte, tornaram-se os principais centros irradiadores e formuladores de uma ética capitalista, herdeira de uma tradição judaico-cristã-ocidental que destaca o dualismo dos valores de bem e mal, razão e emoção, vida e morte, céu e terra, corpo e alma, o qual também se reflete em antagonismos de projetos de desenvolvimento regional.

A vinda, entre o final do século XIX e o início do seguinte, de grande quantidade de romeiros que migraram, sobretudo para próximo do Padrinho, no povoado de Juazeiro do Norte, representou a chegada no Cariri de uma

grande diversidade de pessoas pertencentes aos mais distintos grupos sociais e étnicos, como indígenas, cangaceiros, simples agricultores, beatos e místicos, dentre outros. Neste contexto inserimos o acontecimento da comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Taxados pela sociedade urbana local de fanáticos e loucos, os romeiros do Caldeirão de Zé Lourenço, inspirados no padrão produtivo do Juazeiro, seguiam o modo de vida pietista recomendado pelo padre Cícero e, em decorrência das circunstâncias políticas e religiosas, passaram a figurar de forma isolada com relação às lideranças locais e regionais.

Tal isolacionismo fez do Caldeirão uma comunidade desconhecida e estranha entre os grandes comerciantes e fazendeiros. Também o completo estado de abandono do Sul Cearense pelo poder central nas primeiras três décadas do século XX foi utilizado como elemento de incentivo para a intervenção militar comandada pelo ministro da guerra de Getúlio Vargas. Desse modo, assistimos a uma guerra desnecessária (pois que poderia ter sido evitada) entre a face ideológica do moderno representada pela organização do Estado e de suas elites contra o atraso representado pelos afilhados do padrinho Cícero e pelos moradores da comunidade dirigida pelo beato Zé Lourenço.

Emblematicamente, a guerra de resistência do Caldeirão contra as tropas federais representou o confronto de dois projetos diametralmente opostos. De um lado, o *Padrão Juazeiro*, assentado na indústria artesanal e na pequena propriedade individual da terra, e, do outro, o *Padrão Caldeirão*, caracterizado pela propriedade de uso coletivo da terra e de autonomia em relação às influências e ações econômicas e políticas dos coronéis do Cariri. Apesar de terem a origem comum no padre Cícero, os padrões de produção e modos de vida do Juazeiro e do Caldeirão tomaram direções antagônicas e, no primeiro instante que foi possível permitir a existência somente de um projeto, todas as forças foram invocadas e utilizadas para combater o outro projeto, símbolo do atraso.

Por conseguinte, o projeto de modernização referenciado e difundido, a partir do Crato, para a construção da região do Cariri é perpassado por práticas e pelo uso da violência que atendiam a interesses externos e tinham origem nos espaços políticos da capital federal do Rio de Janeiro. A ausência da figura mediadora do padre Cícero também foi outro fator-chave como elemento explicativo para a forma como foram desenvolvidos o ordenamento e o controle do território Sul cearense nesta fase da geografia do Brasil republicano.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os homens estão em constante busca de explicação para o conteúdo espacial e para as imagens dos lugares onde vivem, do espaço que habitam e da região com a qual possuem algum tipo de relação. E essa imagem, aceite, recalcada ou recusada, constitui um elemento essencial das combinações regionais, o laço, a coesão e a solidariedade entre os homens e destes com o espaço geográfico. Da mesma forma, a materialidade espacial ou o território usado pelos diversos protagonistas históricos aponta pistas interessantes na

compreensão do processo de gênese do Cariri e de sua conseqüente identidade territorial.

Nas diferentes faces e fases da abordagem sobre o Cariri, focamos o Kariri da Etnia ao invés do Cariri dos Coronéis, da Religião ou até mesmo do Estado. Todas as formas de aprofundamento e compreensão do arquétipo da formação sócio-espacial do Cariri assumem relevância para entender a região hoje. Todavia, preferimos apontar nossa reflexão na direção dos índios tapuias do Sertão, no sentido de contribuir para a elucidação dos alicerces do edifício da construção dos processos de identificação e da memória do povo cearense.

Localizar a diversidade no território, focalizar um aspecto da realidade e relacionar com outros aspectos principais permite avançar no reconhecimento das diferenças e na aproximação da integração do sentido das coisas. Ficam muitas questões no ar e sem resposta. Antes de qualquer possibilidade de esgotamento, nosso desejo foi o de levantar alguns eventos geográficos relacionados com a decisiva fase da construção do Brasil-Nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, João Capistrano de. **Capítulos da História Colonial: 1500-1800**. 6ª ed. revista e anotada. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Brasília, Instituto Nacional do Livro (INL), 1976.
- Almeida, Horácio de. **Confederação dos Cariris ou guerra dos bárbaros**. Rio de Janeiro, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB), 1977.
- Alves, Joaquim. **Juazeiro, cidade mística**. Fortaleza, RIHGC, 1948.
- Araújo, padre Antonio Gomes de. **Povoamento do Cariri**. Crato, Faculdade de Filosofia do Crato, 1973.
- Cariry, Rosemberg. **Cariri, a nação das utopias**. Fortaleza, 2001. (mimeo)
- Eliade, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo, Perspectiva, 2000.
- Figueiredo Filho, J. de. **História do Cariri**. Vol. IV. Crato, Faculdade de Filosofia do Crato, 1968.
- Gonçalves, Claudio Ubiratan. "A invenção da região do Cariri entre o messianismo e a ética capitalista". In Lima, Marinalva Vilar de e Marques, Roberto (org.). **Estudos regionais: limites e possibilidades**. Crato, CERES/NERE, 2004.
- Macedo, Joaryvar. **Origens de Juazeiro do Norte**. Fortaleza, RIHGC, 1978.
- Macedo, Nertan. **O padre e a beata**. Rio de Janeiro, Cruzeiro, 1961.
- Mariano Neto, Belarmino. **Ecologia e Imaginário: memória cultural, natureza e submundialização**. João Pessoa, CT/Editora Universitária/UFPB, 2001.
- Medeiros, Tarcísio. **Bernardo Vieira de Melo e a Guerra dos Bárbaros**. Natal, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio Grande do Norte (RIHGRN), 1967-1969.
- Menezes, José P. Bezerra. **Município do Crato**. Fortaleza, RIHGC, 1918.
- Oliveira, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**. Fortaleza, Premium, 2001.
- Pires, Maria Idalina da Cruz. **Resistência indígena no Nordeste colonial: a Guerra dos Bárbaros**. Vol. 1. Recife, Funai, 1989.

Pompeu Sobrinho, Thomaz. **Tapuias do Nordeste**. Fortaleza, RIHGC, 1939.

Puntoni, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros**. São Paulo, Hucitec; Edusp; Fapesp, 2002.

Sidekum, Antonio. **Ética e alteridade: a subjetividade ferida**. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2002.

Taunay, Affonso de E. **A Guerra dos Bárbaros**. São Paulo, Revista do Arquivo Municipal (RAM), 1936.

Weber, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, Pioneira, 2003.

* *Claudio Ubiratan Gonçalves é geógrafo, mestre em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ), doutor em Geografia (Universidade Federal Fluminense), assessor da Comissão Pastoral da Terra (CPT, Diocese de Crato) e professor adjunto da Universidade Federal de Sergipe (UFS, Campus Itabaiana). [birarural@ig.com.br; birauff@zipmail.com.br]*